



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**



ENTRE O MUSEU E A CAPELA: DESLOCAMENTO DA IMAGEM DE SANT'ANA DO MASSACARÁ EM, SERGIPE.

ORIENTANDA: Meracy Santos Lima

ORIENTADORA: Prof^ª. Verônica Maria Meneses Nunes

MEMBROS DA BANCA:

Prof (a) Dra. Janaina Cardoso de Mello- (1º Leitor Crítico)
(Departamento de História da UFS)

Prof. Dr. Samuel Barros Medeiros de Albuquerque- (2 Leitor Crítico)
(Departamento de Museologia)

Prof. Dr. Luiz Eduardo Pina Lima- (3 Leitor Crítico)
Departamento de História

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o estudo entre o Museu e a Capela deslocamento da imagem de Sant'Ana do Massacará em Sergipe, e o estabelecimento de medidas de preservação na sua transferência do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/Se para Capela de Sant'Ana do Massacará. Este trabalho resultou de estudos realizados para o desenvolvimento possibilitando reunir informações sobre a capela Sant'Ana do Massacará, a tradição na manutenção da festa, a transferência das imagens que pertenciam a capela para o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão na década de 1970, compreender os discursos acerca do estudo dessa devoção que envolve a imagem de Sant'Ana, observando que o estudo do objeto museológico no deslocamento pela museologia é importante. Sendo assim, notei que a devoção a Sant'Ana é muito forte na família responsável pela festa, por este motivo, necessita ser preservado para que não se perca. Para isso é importante ressaltar a conscientização dos órgãos competentes da cidade de Carmópolis/Se, sobre a importância da preservação, realizando um estudo e análise do objeto museológico no deslocamento entre o museu e a capela destacando as causas possíveis de dano que o objeto poderá sofrer ao longo do tempo, se o manuseio continuar sendo feito sem levar em consideração os cuidados necessários para prevenir qualquer dano ao objeto o que poderá chegar a ser irreversível. Deste modo espera-se que este trabalho possa contribuir nas considerações que são mencionadas, quando se exige que o objeto seja deslocado do seu contexto museológico para as práticas religiosas da capela.

Palavras-chave: Museu. Capela. Objeto Museológico. Preservação.

ABSTRACT

This work aims to present the study between the Museum and the Capela displacement of the image of Sant'Ana do Massacará in Sergipe, and the establishment of preservation measures in its transfer from the Museum of Sacred Art of São Cristóvão/Se to Capela de Sant 'Ana do Massacara. This work resulted from studies carried out for the development, making it possible to gather information about the Sant'Ana do Massacará chapel, the tradition in maintaining the party, the transfer of images that belonged to the chapel to the Museum of Sacred Art of São Cristóvão in the 1970s, understand the discourses about the study of this devotion that involves the image of Sant'Ana, observing that the study of the museological object in the displacement through museology is important. Therefore, I noticed that the devotion to Sant'Ana is very strong in the family responsible for the party, for this reason, it needs to be preserved so that it doesn't get lost. For this, it is important to emphasize the awareness of the competent bodies of the city of Carmópolis/Se, about the importance of preservation, carrying out a study and analysis of the museological object in the displacement between the museum and the chapel, highlighting the possible causes of damage that the object may suffer. Over time, if handling continues to be done without taking into account the necessary care to prevent any damage to the object, which may become irreversible. In this way, it is expected that this work can contribute to the considerations that are mentioned, when the object is required to be moved from its museological context to the religious practices of the chapel.

Key words: Museum. Chapel. Museological Object. Preservation.

INTRODUÇÃO

Para realização deste trabalho foi importante a colaboração do senhor ¹José Marcos Oliveira Souza, sempre disponível em fornecer informações e contribuir para que pudesse alcançar os objetivos propostos.

O presente trabalho se inscreve no campo das questões que foram focalizadas pelos estudos museológicos, nos quais os fazeres produzidos pelo homem e neles buscamos uma compreensão por meio do objeto inserido em um cenário de representações e construções socioculturais. Neste sentido, “definem o fato museológico como a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor e o objeto que é parte da relação à qual o homem pertence e sobre a qual ele age” Rússio (1996, p. 90). Assim esse processo é melhor compreendido quando se entende os museus como espaços detentores de significados, uma vez que são responsáveis pela comunicação do objeto.

De um lado está o museu como instrumento de preservação e do outro lado está o povo, que mantém sua crença através de gestos concretos manifestados de geração em geração.

O objeto de estudo a que me refiro é a imagem de Sant’Ana, mãe da Virgem Maria, em sua saída para momento de louvor e veneração, destacando assim seu valor para uma família que, ao longo de vários anos, vem mantendo uma tradição de fé, amor e devoção a essa imagem dentro e fora do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/Sergipe (MASC).

Muito se discute sobre a importância de edificações de capelas dentro de engenhos, através do poder dos senhores que tinham maior prestígio, econômico e político.

No século XIX, no nordeste açucareiro era fato bastante comum serem erguidas capelas próximas às casas grandes de propriedades mais abastadas. Nelas um sacerdote residente ou de fora tinha por função prestar assistência religiosa aos senhores, escravos e agregados. Construir e manter tais capelas era, de acordo com Mott (1997, p. 168): “questão de status e de cumprimento das obrigações religiosas”.

¹ Bacharel em Matemática - Professor do Ensino Médio no Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos Professor Severino Uchoa.

Segundo Schwartz (1999),

[...] a edificação de capelas nos engenhos poderia significar a criação de um vínculo, que na hipótese de execução hipotecária e de embargo de partes de um engenho para pagamento de dívidas, garantiria que a propriedade não seria dividida. (SCHWARTZ. 1999, p. 26),

Nos engenhos de açúcar durante o século XIX, a capela além de cumprir suas funções religiosas, era ponto de reunião social. Nelas eram celebrados casamentos, batizados, primeira comunhão, além de funerais.

Azevedo (1999), nos mostra que: “Os custos de construção de uma capela eram altos, e a burocracia eclesiástica para autorizá-las tornava o processo muito lento. Dessa forma somente os senhores mais abastados podiam possuí-las em suas terras”.

O catolicismo constituía-se em base espiritual, moral e social no cotidiano do homem do campo. Os conceitos universais da igreja católica eram conhecidos (através dos ensinamentos jesuíticos), e o código de conduta estabelecido pela arquidiocese da Bahia era reconhecido, entretanto, estavam entrelaçados a um variado conjunto de práticas e crenças populares (AZEVEDO. 1999, p. 58)

Entre estas práticas, o culto aos santos era significativamente importante, e cada um deles possuía poderes determinados no imaginário popular.

Além das festividades que acontecia em celebração de casamentos e batizados, a capela era cenário de funerais dos senhores de engenhos e dos seus familiares.

Dessa forma, pode-se entender a necessidade que as comunidades sentiam de dirigir-se as capelas. As festas ali celebradas em homenagem aos santos de devoção são de extrema importância para os fiéis, às festas religiosas manifestam-se por procissões, danças e músicas. Reis (1997) informa que: “embora o desejo de enterrar-se em igreja estivesse presente em todos os segmentos sociais, havia entre elas e dentro delas uma **geografia de morte**”.

A partir da primeira metade do século XIX, médicos e higienistas principiam campanha contra os enterramentos que ocorriam nos templos. Aos poucos a população foi adaptando-se a um novo regime funerário, talvez impulsionado pela epidemia de cólera que, alastrou-se por grande parte do império.

OBJETIVO E METODOLOGIA

De acordo com o que foi exposto podemos observar que a capela desempenha um papel de extrema importância no que diz respeito à manutenção da festa de Senhora Sant'Ana.

A capela de Sant'Ana do Massacará foi uma destas capelas que se tornaram cenários de fragmentos do cotidiano de famílias abastadas, mais também, de pessoas humildes, que movidas pela fé a procuravam.

A capela de Sant'Ana foi provavelmente edificada no século XIX, na época fazia limite ao município de Carmópolis/Sergipe, que neste período pertencia a Vila de Japarutuba, comarca de Rosário do Catete-Sergipe.

Atualmente localizada no município de Carmópolis, a leste do Estado de Sergipe no sítio que leva o mesmo nome na estrada que vai para o povoado Aguada.

Ali se realizavam batismos, casamentos, festas tradicionais (que eram compartilhadas com os mais humildes), poderiam fazer às vezes de escola, e finalmente era nela que a família se despedia de seus entes queridos para que ali tivessem segundo sua crença, uma maior proteção divina.

Figura 1: Capela Sant'Ana do Massacará



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

A capela Sant'Ana foi tombada pela Secretária de Cultura do Estado de Sergipe, através do Decreto nº 14.901 de 06/09/1994, em que consta:

²(...) Considerando que o interesse artístico, arquitetônico e histórico apresentado pela igreja Nossa Senhora Santana a localidade de Massacará no Município de Carmópolis, neste Estado, a torna um dos mais significativos monumentos ligados à formação religiosa do povo do município de Carmópolis.

Considerando que o mencionado templo religioso é merecedor de preservação, como monumento histórico, artístico e tradicional, devendo ficar sob a proteção e vigilância do Poder Público Estadual.

Figura 2: Capela Sant'Ana (frente e cruzeiro)



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

A Capela Sant'Ana está no campo do Patrimônio Cultural, possui características barrocas na sua fachada, mesmo sendo uma construção do século XIX e seus altares já são do estilo neoclássico.

A capela de Sant'Ana, apesar de possuir características que poderiam elevá-la a categoria de igreja, não pode ser assim entendida, ela pertencente a uma unidade maior, o engenho de Sant'Ana.

² O Documento afirma que a capela está edificada em uma localidade chamada Massacará. Está esta edificada na estrada que vai ao povoado Aguada, Carmópolis/Sergipe.

CARACTERÍSTICAS DA CAPELA SANT'ANA

A nave desta capela é separada do altar-mor por um arco cruzeiro, possui dois altares laterais, tribunas, púlpitos, corretores laterais inferiores e superiores.

O altar-mor possui três colunas em semicírculo, encimado por quatro volutas e dois ramos de folhas e sobre eles uma coroa. Nele estão dispostos três nichos onde eram acomodadas as imagens de Sant'Ana, São Joaquim e de São José. Nos altares laterais acomodavam-se as imagens de Santo Antônio e de São Benedito. Este último é sem dúvida uma referência à devoção dos escravos.

Este altar foi dourado e pintado em 1877, pelo artista Joaquim Felipe Santana, como indica uma inscrição localizada na parte posterior do altar.

O arco cruzeiro e o fundo dos altares laterais são pintados em azul e branco, imitando azulejo.

Figura 3: Altar-mor e altares laterais



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

A capela possui um coro com gradil de colunas de madeira pintado na cor azul. O seu piso de madeira encontra-se razoável estado de conservação, entretanto pode-se perceber que está importante parte da capela necessita de urgente restauração.

O forro do teto do altar, pintado em azul, apresenta duas cenas: uma no centro, São Joaquim e Sant'Ana acompanhados por um bispo, e a virgem menina ajoelhada esse painel é encimado por um laço dourado. Essa cena relata a apresentação de Maria no templo.

Figura 4: Forro do altar



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

A outra cena, na lateral do teto retrata um anjo segurando uma guirlanda.

Figura 5: Forro do altar



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

No piso e por toda a extensão da nave estão dispostas as lapides dos familiares falecidos. Apesar da existência de referência que indicam que pessoas mais humildes e até escravos tinham a possibilidade de ser enterrados em capelas e igrejas, este fato não pode ser notado na capela de Sant'Ana.

Figura 6: Interior da Capela (Lápides)



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

Os sepultamentos atestam a grandiosidade da família proprietária. Entre os sepultados citamos: Antônio Luiz de Araújo Maciel, personagem importante na Revolta de Santo Amaro, Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel, (1825-1909) que foi também juiz Municipal e Deputado provincial em Sergipe em 1851, em oposição ao Barão de Maruim João Gomes de Melo (1809-1890).

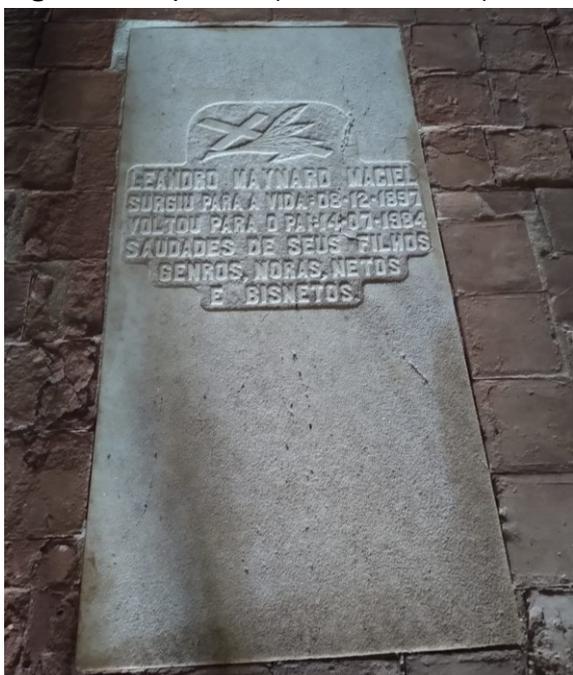
Figura 7: Placa em Homenagem a Dr. Leandro Maciel



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

Lá está sepultado ainda Manoel Dias Coelho e Melo, familiar dos Barões de Japarutuba. Domingos Dias Coelho e Melo e da Estância Antônio Dias Coelho e Melo, que foi também presidente da província, e o de Leandro Maynard Maciel, (1897-1984) que foi Governador de Sergipe. Ao adoecer, este manifestou o desejo de ser sepultado entre seus antepassados e um pedido especial foi aprovado pelo Arcebispo de Aracaju Dom Luciano Cabral Duarte (1925-2018), já que na ocasião não se permitia a prática de enterramentos em templos religiosos. Durante sua doença, foi realizada uma restauração na capela.

Figura 8: Sepultura (Leandro Maciel)



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

Do antigo engenho, apenas a capela foi preservada, mantida por gerações graças a devoção a Sant'Ana.

Quanto às imagens suas alfaias joias, que originalmente permaneciam aos cuidados dos proprietários da capela, estão atualmente no Museu de Arte Sacra de São Cristóvão.

Está transferência aconteceu na década de 1970, quando o então Arcebispo de Aracaju, Dom Luciano Cabral Duarte, demonstrou o interesse cultivar o propósito em preservar objetos sacros antigos.

“Sua posição favorável e a crescente influência junto ao Governo Federal e Estadual, facilitaram a execução de seus projetos, como a criação do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão na década de 1970”. Santos (2010, p. 65).

Figura 9: Ordem Terceira de São Francisco. Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/Sergipe.



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

Santos citando Duarte, mostra-nos que na perspectiva de Dom Luciano Cabral, “a criação de um Museu de Arte Sacra em Sergipe seria uma das estratégias para evitar os constantes roubos e a ação do tempo, que consumiam as imagens sacras espalhadas em várias cidades sergipanas”. Santos (2010, p. 68).

Segundo Santos (2010):

Quando assumiu a Arquidiocese de Aracaju, em 1971, Dom Luciano aqueceu o desejo de construir um museu com o objetivo de preservar os bens religiosos da igreja católica em Sergipe. Apesar de existir um acervo no Seminário Menor de Aracaju, Dom Luciano empreendeu uma campanha utilizando a imprensa e acionando agentes, de uma rede social, que estava se construindo, com o propósito de torna-lo viável o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão (MASC). (SANTOS. 2010, p. 68).

Como apontou Mário Chagas (2009, p. 23). “o jogo e as regras do jogo entre esquecimento e memória, são alimentados por eles mesmos e que a preservação e destruição além de complementares, estão sempre a serviço de sujeitos que se constroem e são construídos por práticas sociais”.

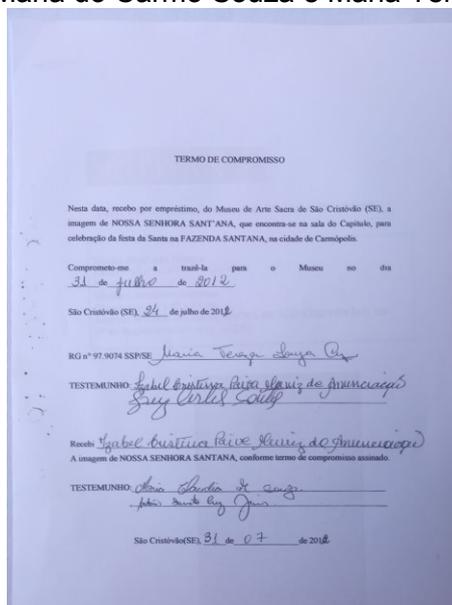
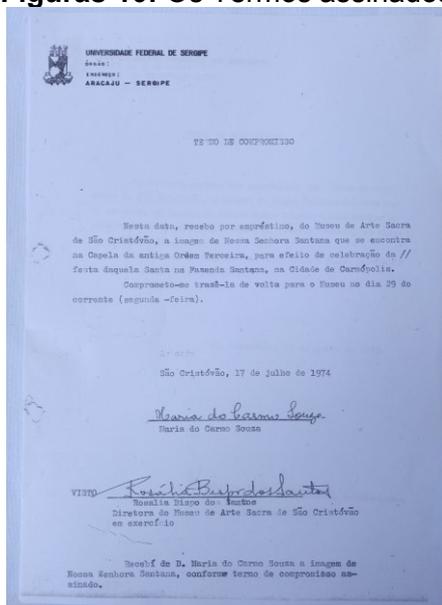
E foi assim a transferência das imagens, suas alfaias e joias, que permaneciam aos cuidados da Senhora Maria do Carmo Souza. O Arcebispo Dom Luciano Cabral Duarte coletando imagens para compor o Museu de Arte Sacra de

São Cristóvão que estava sendo instalado no antigo convento de São Cristóvão na ala da ordem terceira de São Francisco, parte integrante do convento da Santa Cruz conhecido como convento de São Francisco em São Cristóvão. Ele pediu autorização a Senhora. Maria do Carmo Souza, para que as imagens fossem levadas junto com os ornamentos (alfaias e joias) e expostos no museu. Ela aceitou com a condição de que pudesse trazê-las para a festa todos os anos.

“As imagens são esculpidas em madeira de cedro policromado e atualmente estão entre as principais obras do museu”. Gonçalves (1991, p. 277).

Todos os anos segundo a herança cultural herdada, por Maria do Carmo Souza (1919-2001), depois sua filha Senhora Maria Tereza Souza Cruz e atualmente o seu filho Senhor José Marcos Oliveira Souza, é realizado o traslado da imagem de Sant’Ana do museu para capela para que seja realizada a festa. A fim de que isso ocorra é assinado um Termo de Compromisso e Responsabilidade no qual o familiar se compromete a devolver a imagem ao Museu no dia imediato a levá-la de volta ao museu após a missa que é realizada em sua homenagem.

Figuras 10: Os Termos assinados por Maria do Carmo Souza e Maria Tereza Souza Cruz.



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

Não foram encontrados os Termos de Compromisso e Responsabilidade no Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/Sergipe no período de 2013 até 2019, segundo o funcionário não foram localizados dentro da instituição. E o senhor José Marcos Oliveira Souza informou que não tem cópias destes termos.

A ANCESTRALIDADE DO CULTO A SANT'ANA

O patrimônio material que é representado pela imagem de senhora Sant'Ana, em sua remoção do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/Sergipe, para a capela Sant'Ana do Massacará.

Deste ato de fé e devoção da família responsável pela festa, podemos mencionar a veneração a senhora Sant'Ana que integrava o grupo de imagens da capela Sant'Ana do Massacará.

Esta manifestação religiosa acontece sempre no dia 26 de julho, e no caso em estudo é realizado tríduo que culmina no domingo com a missa festiva em louvor a senhora Sant'Ana. (Independente de ser a data citada ou não).

Neste contexto a proposta é retratar a devoção a Sant'Ana fazendo com isso um estudo museológico acerca deste objeto, de suma importância de devoção para a família mantedora da festa e de como é feita sua locomoção do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão para seu local de origem.

É sabido que as primeiras sociedades eram matriarcais e seu cotidiano girava em torno do culto a fertilidade da terra, uma vez que eram agricultores. A mulher representava o “centro do poder mágico divinatório refletindo o mistério do seu dom natural de gestar, gerar e alimentar”. Ramos Filho (2001, p. 147).

Figura 11: Senhora Sant'Ana e a Virgem Menina



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

O culto a Sant'Ana reproduz esse sentimento ancestral que associa o poder que a terra tem de fazer brotar, de gerar a vida com o poder gerador inerente à mulher. Entretanto “o culto a esta Santa é também o reflexo de um outro costume da antiguidade: o respeito ao antepassados, aos conhecimentos passados de geração à geração”. Ramos Filho (2001, p. 147).

“A imagem representada de Sant'Ana é sempre a de uma mulher madura, serena, que transmite conhecimentos a virgem, ou a guia pela mão, pode ainda carregá-la ao colo”. Ramos Filho (2001, p. 147).

“O fato de gerar a mulher que redimiria os seres humanos do pecado original, cria uma contraposição às mulheres pagãs que o poder católico abominou e queimou como bruxas nas fogueiras públicas”. Ramos Filho (2001, p. 147). Isso justifica a popularização e oficialização deste culto durante a Idade Média.

Sua origem está no culto à mãe terra Telúrico e é também popular, uma vez que não faz parte das Sagradas Escrituras. “Se Constitui uma apropriação que o catolicismo fez deste rito popular de semeadura, em que se pedia a grande mãe pela fertilidade do solo”. Ramos Filho (2001, p.147).

“O culto a Sant'Ana expandiu-se para o Brasil a partir do século XVI, e provavelmente neste período chegaram suas primeiras imagens, que eram adoradas tanto no culto oficial, quanto no doméstico”. Oliveira (2001, p. 10).

“Seus devotos creem em sua proteção aos lares e às mães de família, justificando-se assim, suas frequentes presenças em oratórios domésticos, igrejas, paróquias e em capelas”. Oliveira (2001, p. 10).

No que se refere ao culto oficial, o crescimento da devoção à Sant'Ana pode ser explanado através de dois aspectos da igreja católica, estabelecidos no Conselho de Trento. O primeiro diz respeito à oposição às teses do protestantismo. “A igreja católica determinava que fossem enfatizados as devoções diretamente postos em causa, principalmente com a relação à virgem Maria, anjos e santos em geral”. Oliveira (2001, p. 10).

Buscou-se defender Sant'Ana, “(...) atacada de forma direta por Lutero, por sua associação simbólica com a virgem Maria, no tema da Imaculada Conceição e também por sua presença nas representações tríplices ou trinitárias”. Oliveira, (2001, p. 11).

“O segundo aspecto refere-se à defesa da ortodoxia católica contra a heresia protestante, á medida em que Sant’Ana possui o atributo de *Guardiã da Doutrina Cristã*”. Oliveira (2001, p. 11).

“No Brasil colônia foi bastante comum a presença da imagem de Sant’Ana ao lado da virgem Maria nos retábulos principais das Ordens Terceiras do Carmo”. Oliveira (2001, p. 11).

Como resultado da contra reforma, e do “reforço devocional” aos personagens da Sagrada Família (Jesus, Maria e José), a “essas imagens foram anexadas às dos progenitores da virgem Maria (Ana e Joaquim), que juntos constituíam a Sacra Parentela”. Oliveira (2001, p. 12).

O fato é que as imagens da senhora Sant’Ana eram facilmente encontradas nos quartos de casais nos oratórios.

Oliveira (2001, p. 12) afirma que “o motivo de tamanha popularização pode ser explicado através da leitura do *Flos-Sanctarum* (em latim) “Flor dos Santos”, publicado em Lisboa no ano de 1767, que circulou amplamente pelo Brasil”.

Em seu conteúdo, consta a hagiografia de Sant’Ana. Esta concebe Maria de forma milagrosa, uma vez que era estéril. Seu parto acontece sem dores, e sua morte nos braços da filha, ocorre sem agonia. Segundo Oliveira (2001):

Concepção da vida, nascimento e morte momentos essenciais, que determinam as origens e fecham o ciclo da existência humana, vividas no silêncio das alcovas, sob a proteção de uma Santa tutelar com poderes extraordinários pelo acesso direto ao Deus do universo na pessoa de Jesus Cristo, seu neto “natural”. Mais não precisa ser dito sobre a necessidade imperiosa um penoso de sua presença ao lado dos humanos, cumprindo um ritual propiciatório cujas raízes se perdem nas próprias origens da civilização ocidental. (OLIVEIRA 2001, p. 13).

São três as representações mais comuns às imagens de Sant’Ana. A primeira é a Sant’Ana mestra, que está associada à virgem menina. Esta representação reflete a figura da “matrona branca” dos engenhos, “considerada guardiã e transmissora da religião”. Ela é o símbolo da casa grande ensinando o catecismo ao pessoal da senzala. Hoornaert, In. Oliveira (2001, p. 30).

No estilo barroco, estas imagens evocam mais a educação de Maria do que sua concepção e genealogia. Este tipo iconográfico surgiu no século XVIII, provavelmente na Inglaterra. “O livro que a Santa carrega aberto nas mãos ou sobre os joelhos é elemento indispensável nesta iconografia”. Oliveira (2001, p. 17).

A segunda representação mais comum é a de Sant'Ana mãe que integra a Virgem Maria e o Menino Jesus.

A Terceira representação e a menos comum é a de Sant'Ana Guia. Em geral a Santa indica com a mão livre o caminho que ela e a virgem devem seguir. "O livro neste caso pode estar nas mãos da Santa ou da Virgem". Oliveira (2001, p. 18).

Entre as variantes descritas, predominaram no Brasil colonial as representações de Sant'Ana mestra sentada com a virgem menina ao seu lado.

Já a Sant'Ana caminhante, que leva a virgem Maria pela mão, é conhecida como Sant'Ana Guia. Esta é a representação iconográfica da Capela estudada: Sant'Ana conduz pela mão a virgem menina que segura em sua mão esquerda encostado no peito o livro.

Nos ciclos da cana-de-açúcar, Sant'Ana é sinal de harmonia e solidez para família. Tomando a filha pela mão a conduz com amor e segurança, transmitindo a fé dos necessitados Sant'Ana é guia da virgem menina e de seus devotos.

A FESTA DE SANT'ANA

A festa de senhora Sant'Ana é precedida por tríduo dedicados à Santa e culmina com uma missa festiva, batizados e apresentação da filarmônica dos bacamarteiros do Povoado Aguada/Carmópolis/Sergipe, no último domingo de julho. É possível perceber a cadeia familiar na manutenção da festa: a senhora Pureza Nabuco (? - 1961) transmite o legado a sua filha Maria do Carmo Souza (1919-2000) seguiu a tradição, cuidando da capela, preparando a festa e trazendo a imagem da Sant'Ana que desde a década de 1970 estava no Museu de Arte Sacra de São Cristóvão.

Depois do seu falecimento, sua filha, a senhora Maria Tereza Souza Cruz, deu continuidade a tradição da festa em louvor a senhora Sant'Ana e no seu traslado do Museu até seu local de origem

Devido à fragilidade da sua saúde a senhora. Maria Tereza Souza Cruz designou que a tradição da realização da festa, e a retirada da imagem do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/Sergipe ficassem aos cuidados de seu irmão o senhor. José Marcos Oliveira Souza, que sempre atuou na parte física da festa, ajudando a sua mãe, e sua irmã na realização da festa.

Figuras 12: Grupo de Bacamarteiros e da Filarmônica do Povoado Aguada Carmópolis/Sergipe.



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

Atualmente a festa de Sant'Ana é uma tradição mantida em toda sua simplicidade e beleza pelo filho de dona Maria do Carmo.

O senhor José Marcos Oliveira Souza, junto a familiares, amigos, devotos, e da Associação Beneficente senhora Santana fundada em 2003, angaria recursos e com estes foi adquirido, cadeiras, carpetes, objetos sacros, ambão, quadros em alumínio dourado da via crucis, frontais para os altares, tintas para a pintura das portas, esquadrias e paredes da capela além da confecção do material de divulgação da festa nos povoados e municípios mais próximos

Após a missa, ocorre a apresentação do grupo folclórico bacamarteiros do Povoado Aguada/Carmópolis/Sergipe, este grupo composto por homens mulheres e crianças tem um caráter profano sendo um grupo de folguedos junino. O grupo ingressa na capela pela porta principal, faz saudações e louvores, cantando e dançando, em seguida o grupo sai e em frente à capela começa a dá tiros com os bacamartes e todo o grupo e convidados dançam.

No ano de 2017 em particular, a festa contou com a participação do grupo Renantique Músicas Medievais e Renascentistas, e Terpsícore (danças antigas) dentro do projeto patrimônio em concerto, músicas nas Igrejas e Museus

patrocinados pela Sergipe gás S.A (Sergás), coordenado pela senhora Sandra Sena.

Figura 13: Grupo Renantique



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

Essa apresentação foi complementada com a palestra apresentada pela professora Verônica Nunes sobre a capela e o seu patrimônio.

Figura 14: Professora verônica Nunes.



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

DE TODA A HERANÇA CULTURAL QUE ENVOLVE A HISTÓRIA DA CAPELA A QUE PERMANECE É A FESTA DE SANT'ANA.

Os conceitos abordados com a Fundamentação Teórica para a realização deste trabalho, foram articulados por autores que deram um embasamento científico que contribuíram no desenvolvimento do mesmo. Também foram trabalhados conceitos do campo da museologia. Assim este trabalho se inscreve no campo das questões que foram focalizadas pelos estudos museológicos, nos quais os fazeres produzidos pelo homem e neles buscamos uma compreensão por meio do objeto introduzido em um contexto de representações e construções socioculturais. Nesse sentido “definem o fato museológico como a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto que é a parte da relação à qual o homem pertence e sobre a qual age”, Russio, Santos (1996, p. 90). Assim, esse processos é melhor compreendido quando se entendem os museus como espaços detentores de significados, uma vez que são responsáveis pela comunicações do objeto.

Se de um lado está, o museu como instrumento de preservação, do outro lado está o povo, que mantém sua crença através de gestos concretos manifestados de geração em geração. O objeto de estudo a que se relata é a imagem de senhora Sant'Ana, com sua saída para momento de louvor e veneração, destacando seu valor para uma família que, ao longo de vários anos, vem mantendo uma tradição de fé, amor e devoção a essa imagem, dentro e fora do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão.

Oliveira (2008) “entende que religião como segmento cultural, é condicionada por uma lógica cultural que adquire significados, dentro de uma determinada comunidade”. Assumindo-se assim como processo local, assim sendo, cada ato religioso possui sua peculiaridade as manifestações e objetos religiosos só são reconhecidos dentro de um contexto cultural.

As festas religiosas, por conseguinte, são cenários de mobilização espontânea de um grupo e de sua expressão por meio de uma sequência de rituais, em que agradecer, venerar e homenagear são termos que se ligam diretamente ao ato de festejar, expressando, desta forma, um “conjunto de comportamentos e significados adquiridos pela tradição que mantém viva na memória de um povo, sendo, pois, manifestações coletivas que revelam a solidariedade a união e a receptividade” Alves (2005, p. 79).

OBJETO DE CULTO, DEVOÇÃO E FÉ NO ESPAÇO MUSEOLÓGICO.

O objeto musealizado guarda a memória e a história que agrega ao meio que pertencera, ou seja, a sua cultura e de um modo geral, por ser utilizado como objeto de culto, ele não perde o seu valor simbólico ao entrar no museu, atraindo assim para a instituição adeptos a cerca religiosa do catolicismo popular; o ato das práticas devocionais é que fortalece essa tradição no Museu de Arte Sacra de São Cristóvão.

As imagens da senhora Sant'Ana e a virgem menina, são Joaquim, São José, Santo Antônio e São Benedito incluindo as alfaias e as joias que estão sob a salvaguarda do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/SE, mas ainda é um objeto de uso litúrgico nas festividades da Capela Sant'Ana do Massacará, no período de Julho. A Imagem da Senhora Sant'Ana é um objeto representativo da tradição católica por ser um objeto de culto religioso através das práticas devocionais.

Figuras 15: São José, Sant'Ana e São Joaquim.



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

Um objeto de museu, de acordo com o processo de musealização, não pode ser mais trocado e nem destinado a ser utilitário, mas mesmo assim o objeto museológico transmite o testemunho autêntico sobre a realidade. A imagem de Senhora Sant'Ana representa o objeto de culto e de documento, por ser utilitário tanto na capela como no Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/Se.

O deslocamento de objetos litúrgicos das igrejas, capelas, e de particulares para a constituição do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/SE, isto ocorre por causa da realidade já constituída em uma primeira forma de substituição. Um objeto separado do contexto do qual foi retirado é nada além, de substituto dessa realidade que ele deve testemunhar.

Neste sentido o objeto perde parte da informação, por causa da interrupção da memória, mesmo a história agregada, o objeto torna-se portador de informações ou torna-se objeto, documento ou de culto. Assim cultuado, o museu guarda a tradição no contexto museológico, por meio dos documentos, registro e do testemunho.

A imagem de Sant'Ana está salvaguardada no Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/Se, uma vez que uma de suas funções é a preservação e de acordo com o ICOM – Conselho Internacional dos Museus.

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, que realiza pesquisas sobre a evidência material do homem e do seu ambiente, que adquire, conserva, investiga, comunica e exhibe, com finalidade de estudo, educação e fruição.

Neste sentido, partindo da missão do museu, é importante ressaltar que a instituição preserva a tradição do ato de pertencimento dos devotos, a imagem de Sant'Ana e outras imagens de culto no espaço museológico, onde os usuários devotos utilizam da sua crença na devoção. Deste modo em relação a este sentimento de pertencimento, entre devoto com seus santos de devoção, observa-se que a instituição preserva esta tradição por meio da expografia, divulgando ao público, visitante e aos usuários devotos. Então o museu tem função de comunicar e preservar essa cultura através do acervo que compõe esta tradição religiosa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A discussão dos resultados foi realizada através de pesquisa dos livros, artigos e revistas selecionados que discutem as questões relacionadas neste estudo, para compreender os processos que envolvem o deslocamento da imagem entre o museu e a capela.

A literatura escolhida foi analisada por meio de uma seleção em que se buscou os resultados das pesquisas e os seus objetivos nas bases de dados

Periódico Capes, Scielo, Scopus, Google Scholar. Todas as análises do estudo constam de Introdução, Objetivo e Metodologia, Resultados e Discussões e considerações Finais, sendo que se relata a localização e a construção da capela Sant'Ana do Massacará, por famílias abastadas da época a devoção destas famílias a senhora Sant'Ana.

O resultado foi feita uma explanação sobre a história da capela a tradição religiosa no mês de julho, a devoção, a fé e a tradição de uma família na manutenção da festa, foi feita uma breve explanação sobre os sepultamentos existentes na capela e sobre a construção do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão e como foi feito a transferência das imagens e alfaias da capela para o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/SE (MASC). Trataremos do patrimônio cultural, sobre os conceitos referentes à memória, objetivando estabelecer critérios para a saída da imagem do museu e seu retorno à capela a fim de que, a comunidade possa exercer sua marca de fé.

DISCUSSÕES SOBRE A CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO

Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, conservação é o conjunto de medidas de caráter operacional – intervenção técnica e científica, periódicos ou permanentes – que visa conter a deterioração em seu início, quando em geral se faz necessário, com relação às partes da edificação que carecem de renovação vulneráveis aos agentes insalubres.

Portanto, a conservação preventiva enfoca todas as medidas que devem ser tomadas para se aumentar a vida útil de qualquer objeto. Pode ser entendida como o conjunto de ações destinadas a assegurar a salvaguarda, como também aumentou a esperança de vida de uma diversidade de objetos.

A autora Fonseca (1997, p. 36) mostra que:

[...] argumenta que a política de preservação, deve objetivar não apenas a proteção de bens, mas abarcar todo o universo que constitui a preservação patrimonial; incluindo-se os critérios de seleção de bens, as razões que justifiquem a proteção e os diversos atores envolvidos, tais como a sociedade e os representantes do Estado. (FONSECA 1997, p. 36)

Toda intervenção humana direta ou indireta, que tem por objetivo aumentar a expectativa de vida de coleções com ou sem problemas de conservação, deve ser

articulada com os diversos regulamentos e normas internas. O museu deve funcionar como um todo, promovendo a interdisciplinaridade entre as funções dos diversos profissionais. Ela é uma disciplina em evolução, os planos e ações elaborados por cada instituição devem ser periodicamente revistos e adaptados.

ACOMPANHANDO A EVOLUÇÃO DA PRÓPRIA PRÁTICA DISCIPLINAR E AS ALTERAÇÕES QUE SE VERIFIQUEM NOS MUSEUS.

Um dos focos de nossa atenção se concentra na questão, que envolve a importância de conservação e preservação, pois, o nosso objeto de estudo faz parte do acervo de Arte Sacra, e a mesma está inserida em momentos religiosos, quando é necessário retirá-la para outro ambiente.

Durante algum tempo a preservação foi vista como uma preocupação somente das elites intelectuais, não possuindo nenhuma ligação com os interesses gerais da comunidade.

CRITÉRIO PARA A SAÍDA DA IMAGEM DO MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO CRISTÓVÃO/SE PARA A CAPELA SANT'ANA DO MASSACARÁ.

Na maioria das vezes, muitos danos irreversíveis no acervo são causados por pessoas inabilitadas durante o manuseio. Os objetos pertencentes ao museu sejam quadros esculturas, mobiliários, documentos, entre outros, apresentam características e fragilidades em algum aspecto específico, podendo sofrer danos físicos de diferentes naturezas, sendo necessários cuidados especiais.

“É preciso normas padronizadas de manuseio durante as inspeções do estado dos objetos e em todas as ocasiões em que eles são deslocados, somente o pessoal qualificado deve manusear as peças do acervo”. Calderon (1976, p. 91).

Antes do manuseio o objeto deve ser observado de forma a identificar os seus pontos frágeis; o objeto não deve ser agarrado por zonas salientes, ou seja, braços, bordas, entre outros, ou por zonas restauradas, em risco de deslocamento, deve ser também avaliada a existência de fraturas ou fissuras, quando for o caso, para evitar a fragmentação do objeto ao levantá-lo.

Durante a minha pesquisa, me chamou a atenção como o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/Se, permitia a saída da imagem de senhora Sant'Ana para a capela Sant'Ana do Massacará. Como uma pessoa devota e também participante do evento religioso e conhecedor desse ato, me propus fazer uma análise baseado em argumentações teóricas que descrevem de maneira correta a forma como esse objeto musealizado deverá ser transportado.

Como é feita esse traslado de devoção da capela Sant'Ana até o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão. A sequência é: em primeiro momento o senhor José Marcos Oliveira Souza, vai ao museu levando plástico bolha, este pedido pelo museu, lá ele transporta a imagem no banco do seu carro, em outro momento, fotografamos o mesmo devolvendo a imagem e desembalando a imagem dentro do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/Se.

Figuras 16: Sr José Marcos desembalando a imagem no retorno ao (MASC)



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

Nas imagens podemos notar que a instituição não adota critérios para essa transferência, pois podemos ver pelas fotos, não existem os cuidados que se deve ter para a transferência de um objeto, que deve ser adotado, nem pela instituição, nem mesmo pelo senhor que está fazendo a transferência, embora essa seja uma prática adotada há muito tempo, nota-se a fragilidade com que esse objeto, que é transferido para a capela, sofre sérios riscos de ser danificado, se não for transferido de forma adequada.

As esculturas devem ser manuseadas pela base, sempre que for possível, com uma das mãos segurando com estabilidade o corpo, na parte mais apropriada. Nunca se deve movimentar ou levantar esculturas por parte mais frágeis, como braços, pernas e extremidades. E quando for de grande dimensão ou muito pesada, deve ser manuseada por mais pessoas. O indicado é que a instituição tenha um caixote e um carrinho para fazer o deslocamento, minimizando o risco de acidentes. Estes cuidados devem ser adotados para qualquer objeto tridimensional independente do tipo de material. Neste sentido o manuseio da imagem de Senhora Sant'Ana não corresponde ao uso correto.

O senhor José Marcos Oliveira Souza, responsável pelo deslocamento da imagem, diz que: “tem o maior cuidado ao pegar e transportar a imagem”, porém não foi possível perceber que o mesmo utilizasse procedimentos seguros que garantissem a transferência. Portanto, usar de meios corretos vai garantir também a preservação e a continuidade da imagem que vai além da devoção.

O não cumprimento de critérios e técnicas rigorosos quanto aos cuidados no manuseio desse objeto musealizado, bem como outros pode contribuir muitas vezes para criar danos irreparáveis; isso ocorre pela falta de conscientização, e conhecimento, motivados pelo desrespeito ao bem cultural, atitudes incorretas podem provocar ações de destruição dos acervos museológicos, que não estejam sendo manuseados com segurança, nem devidamente protegidos. A circulação de objetos museológicos é uma prática que necessita de planejamento, supervisão adequada e de uma apropriada previsão dos riscos possível de ocorrerem na execução desse processo.

Figuras 17: Forma correta para transportar a imagem



Fonte: www.Sisemsp.org.br/conserva%C3%A7%C3%A3o-preventiva_Andrea-Zabrieszach

Não importa a distância em que se faz o traslado de um objeto museológico, o que está em questão é a preservação, considerando que graças aqueles que trabalham na instituição, no curto período que passarem por lá, lutar por esta prerrogativa, como também aqueles a quem é permitido ter acesso em momentos específicos em que esses objetos sacros são retirados do seu ambiente museológico. As pessoas passam, as artes coleções e outros objetos permanecem.

A conservação preventiva de obras sacras vem sendo amplamente difundida, para a conscientização de que, somente por meio deste trabalho preventivo, se efetuará a consolidação da salvaguarda do acervo. A musealização está extremamente ligada à preservação. Portanto, devemos pensar e trabalhar coletivamente na ética da preservação. Se os cuidados necessários podem contribuir de maneira correta para prolongar tudo àquilo que fez e continua fazendo parte da história da humanidade, nada melhor que fazermos a nossa parte. Como refere-se Tomaz (2010):

O que torna um bem dotado de valor patrimonial é a atribuição de sentidos ou significados que tal bem possui para determinado grupo social, justificando assim sua preservação. É necessário compreender que os múltiplos bens possuem significados diferentes, dependendo do seu contexto histórico do tempo e momento em que estejam inseridos (TOMAZ, 2010. p. 6).

A conservação de objetos, obras de artes, peças sacras, documentos em ambientes adequado é primordial, um ambiente inadequado deteriora e, desse modo, propor medidas corretas irá prolongar a originalidades dos objetos museológicos.

Qualquer material, mesmo que possua todas as propriedades físicas e químicas para durar séculos, sofre influências que prejudicam sua durabilidade.

Essas influências podem está relacionadas tanto como agentes internos, que provém da matéria-prima, como também dos métodos de confecção, e agentes externos, que ocorrem a partir do uso e do meio ambiente, da guarda, do manuseio inadequado, iluminação e temperatura incorreta, os poluentes, bem como outros fatores.

Quando a imagem de senhora Sant'Ana sai do museu para a capela ela fica exposta a vários agentes químicos e biológicos, que vão da maneira como ela é transportada até o local em que fica no mês de julho.

Segundo Costa (2006):

As peças sofrem também danos causados pela umidade e temperatura. A boa conservação exige uma atmosfera climática relativamente constante, sem modificações bruscas que provocam fenômenos de dilatação e contração dos materiais, reduzindo com o tempo sua elasticidade natural e acelerando seu envelhecimento. (COSTA. 2006, p. 46).

Vejamos na figura abaixo, além do reflexo da luz natural, tem a luz artificial e as velas que são acessas todos os dias próximos à imagem. Essa absorção da energia da luz pode desencadear várias sequências de reações químicas, todas elas prejudiciais, ao objeto museológico e de devoção.

Figura 18: Altar- Mor com o nicho da Senhora Sant'Ana.



Fonte: Acervo particular de Meracy Lima

A circulação de objetos é uma prática que necessita de planejamento, supervisão adequada e de uma apropriada previsão dos riscos, sendo imprescindível também o uso de luvas, pois qualquer sujeira ou oleosidade dos dedos serão transportados para a peça, danificando-a, muitas vezes de forma irreversível.

Sendo assim que alguns representantes da família e devotos, ainda cultuam esta tradição de devoção a senhora Sant'Ana. A escultura sacra é um bem da cultura material católica, que necessita ser preservada para que não se perca; assim

é importante à conscientização dos órgãos competentes, sobre a importância da preservação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta conclusão de trabalho tem como estudo à imagem e devoção a Senhora Sant'Ana, dentro e fora do museu.

Durante a pesquisa foi verificado, que a devoção à senhora Sant'Ana, e a manutenção da tradição é presente na família, que mantém a festa secular realizando a celebração do tríduo, a missa festiva, agregando os sentimentos de fé e devoção a Sant'Ana e a preocupação com a preservação da capela como "Casa de Oração" e como "Patrimônio Histórico" do Estado.

Ressaltando que a finalidade deste trabalho foi realizar um estudo e análise do objeto museológico, no trânsito entre o museu e a capela, destacando as causas e os possíveis danos que o objeto poderá sofrer ao longo do tempo, se o seu manuseio continuar sendo feito de forma artesanal, sem levar em consideração os cuidados necessários.

É cultuando essa tradição de comemorar a devoção à senhora Sant'Ana, que a capela vem cumprindo o seu papel através de séculos, tanto como espaço de fé, quanto como um exemplo importante da cultura material e patrimônio cultural edificado. graças a essa devoção a Sant'Ana, a capela foi preservada, de gerações a gerações, por um sentimento que ultrapassa valores políticos e econômicos.

Infelizmente, a capela necessita, para sua sobrevivência, de uma restauração urgente, a fim de que possa continuar a exercer sua tradição de fé diante das comunidades circunvizinhas e, principalmente, o seu lugar como patrimônio cultural do estado de Sergipe.

Devido à pandemia do COVID-19, que assolou o mundo não tivemos a realização da festa em homenagem a senhora Sant'Ana nos períodos de 2020 e 2021. Ansiosos para que possamos manifestar este ato de fé e devoção a Sant'Ana o mais breve possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina.; CHAGAS, Mario de Souza.; SANTOS, Mayrian Sepulvida dos. **Museus, Coleções e Patrimônios: Narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Caramond, MINC/IPHAN/DEMU, 2007.

AZEVEDO, Paulo Oliveira. **Inventário de Proteção ao acervo cultural**. In: MOTT. Luiz R. B. Cotidiano e vivencia religiosa entre Capela ao Calundu, - História da vida privada no Brasil. Vol. 1. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa: Campanha das Letras, 1999.

CALDERON, Valentim. **50 peças do Museu de Arte Sacra da Bahia**. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Dow Química, 1981.

CHAGAS, Mário. **Educação Museu e Patrimônio: Tensão devoção e adjetivação**.: Revista IPHAN, 2009. Disponível em: <http://www.revista.IPHAN.gov.br/material.php?ed=145>. Acesso em 04/02/2022.

COSTA, Evanice Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/Secretária de Estado da Cultura, 2006.

DANTAS Ibarê.; **Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel**. (1825/1909). O Patriarca da Serra Negra e a Política Oitocentista em Sergipe. Aracaju: Criação, 2009.

_____, Ibarê.; **Leandro Maynard Maciel Na Política do Século XX** Aracaju: Criação, 2009.

RAMOS FILHO, O. **Mãe Ancestral**. In: GUTIERREZ, A. O livro de Sant'Ana, 1ª Ed. Belo Horizonte: O Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2001. p. 146-147.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: para uma concepção ampla de Patrimônio Cultural. In: **ABREU, Regina. CHAGAS, Mario (Orgs.). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O Patrimônio como categoria de pensamento**. In: ABREU, Regina.; CHAGAS, Mario (Orgs.). Memória e Patrimônio: ensaios Contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&, 2003.

HOORNART, Eduardo. **Origens do Cristianismo**. São Paulo: Editora Paulus, 2016.

JORNAL - Diário Oficial Aracaju/Sergipe, **Decreto nº. 14.901 de 06 de Setembro de 2013**.

MELO, Maria do Carmo Bezerra. **Capela Sant'Ana do Massacará: esboço de uma interpretação Histórico-Cultural**. Trabalho de Conclusão de Curso de História. São Cristóvão: UFS, 2004.

MOTT, Luiz R. B. Cotidiano e vivencia religiosa entre Capela e o Calundu. In: SOUZA, Laura de Melo. **Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa**, São Paulo: Companhia das Letras, 1997. vol. 1, p. 156-220.

OLIVEIRA, Miriam de Andrade Ribeiro de. **Sant'Ana na Imaginária Sacra Brasileira**. In. GUTIERREZ, Ângela. (Coord). O Livro de Sant'Ana: Coleção Ângela Gutierrez e livro de Sant'Ana. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2001. p. 8-19.

RAMOS FILHO, Orlando. **Mãe ancestral**. In GUTIERREZ, Ângela. (Coord). O Livro de Sant'Ana: Coleção Ângela Gutierrez e livro de Sant'Ana. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2001. p. 146-147.

REIS, João José. **O cotidiano da morte no Brasil** oitocentista in. – v. 2, História da vida privada no Brasil, 1997.

SANTOS, Marcelo. **A construção do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão (MASC):** Agentes e práticas no campo do patrimônio cultural sergipano. Mestrado de Sociologia. São Cristóvão/Sergipe: UFS. 2010.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos:** Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial, 2ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Reginaldo Andrade. **Nossa Senhora das Dores**. Leitura de análise do objeto museológico no transito entre o Museu e a Igreja. Trabalho de Conclusão de Curso de Museologia. Laranjeiras/Sergipe: UFS, 2015.